

NOSSOS MESTRES

Da cantina à direção

Professor de história, o diretor do CED 4 do Guará, Rogério Nunes Passos, começou a trajetória como merendeiro e hoje celebra a aprovação de alunos no ensino superior

» MARIANA NIEDERAUER

A história do professor Rogério Nunes Passos, 45 anos, é composta por ingredientes distintos que, juntos, resultaram na receita perfeita para integrar um banquete digno de palácios. Uma pitada de destino, várias porções de perseverança, outra medida de dedicação e quilos de solidariedade e respeito ao próximo.

Não à toa, ele começou a carreira na educação onde provavelmente poucos docentes passaram: na cantina. Rogério foi aprovado no concurso de 2006 da Secretaria de Educação do DF, para o cargo de técnico administrativo, na função de merendeiro. À época, ele cursava história no UniCeub, ainda não pensava em se tornar professor, e fazia parte de um projeto de extensão que atendia a comunidades em situação de vulnerabilidade social no Setor de Chácaras Santa Luzia, na Estrutural.

Quando viu que havia uma vaga para atuar em escola da região administrativa, não pensou duas vezes, e foi trabalhar na cozinha da Escola Classe 1 Vila Estrutural. “A escolinha era de madeirite. Quando chovia, molhava a escola de ponta a ponta. Não tinha muro, era uma cerca de arame farpado. E toda aquela situação com os professores me chamou mais a atenção ainda. A questão de ver os meninos naquela situação, ouvir as histórias deles”, relata o professor sobre o motivo de ter escolhido fazer a habilitação em licenciatura. “A vivência dentro da escola me fez querer a área de educação”, completa.

“Eu fiquei como merendeiro de 2006 até 2008, e então fui chamado para a função de supervisor administrativo. Como era uma cidade muito carente, quase nenhum servidor queria ir para lá”, conta Rogério, que aumentou a cada dia sua admiração pela Estrutural.

As experiências na sala de aula de fato se resumiram a períodos em uma escola particular e no estágio, mas a carreira se

Fotos: Mariana Niederauer/CB/D.A. Press



“(A educação) Ninguém te tira, ninguém te rouba, ninguém te leva”

consolidou em cargos de gestão na Secretaria de Educação. Hoje, Rogério é diretor do Centro Educacional (CED) 4 do Guará, outra cidade do DF que tem lugar cativo em seu coração. A formação como professor de história permitiu que ele fosse escolhido para o cargo mesmo integrando a carreira de técnico.

Brasiliense de coração

Goiano, nascido na capital do estado, Rogério ainda carrega um pouco de sotaque na fala, mas conta que é um brasiliense de coração, já que mora na cidade desde 1995. Ainda na adolescência, quando os pais se separaram,

Rogério se mudou com a avó, a mãe e os três irmãos para a casa de uma tia no Guará 2. Mesmo quando a mãe decidiu voltar em definitivo para Goiânia, ele optou por continuar na casa das tias. Casou-se cedo, e teve a filha mais velha, Débora, hoje com 21 anos.

“Aprendi a gostar daqui. Brasília me ensinou a ver essa questão de concurso, de educação e de formação com um outro olhar. Minha formação é todinha aqui”, detalha ele, que terminou o ensino médio, se formou técnico em contabilidade, professor de história e ainda iniciou um curso de psicologia na capital federal. “Fiz psicologia na Católica e desisti. Pensei: ‘Não, isso aqui não é muito para mim, não’. Até que me achei na história. Eu me apaixonei”, detalha.

Até chegar ao curso ideal, Rogério navegou pelas ciências humanas, pesquisou as formações disponíveis nas faculdades do DF e tentou, por três semestres, entrar na Universidade de Brasília (UnB). Encontrou, no curso de história e no trabalho nas escolas, a realização.

Depois de trabalhar na primeira escola da Estrutural, assumiu um novo cargo no CEF 2 da mesma região, teve uma passagem rápida pelo Gama e veio o convite para ser supervisor no CED 4 do Guará, em maio de 2017. Três anos depois, virou diretor. Era 2020, “o fatídico ano da pandemia”, lembra Rogério. E aí, um novo capítulo começou a ser escrito.

A dor do recomeço

“Começamos a gestão muito empolgados, com um monte de planos, um monte de coisa para executar”, conta Rogério, que tem a parceria da vice-diretora, Ana Patrícia, para tocar todos os projetos da escola. Um mês depois do semestre letivo, no entanto, as aulas foram suspensas em razão da pandemia de covid-19. Os dois conversavam, achando que dentro de algumas semanas o problema se resolveria. Passaram-se meses e nada. Passou um ano. Dois.